

DO OPRIMIDO AO SUJEITO EMANCIPADO: PENSANDO O SUCESSO ESCOLAR NA PERSPECTIVA FREIRIANA

Iarityça da Silva Lindolfo¹

Mariane Barbosa da Silva²

André Augusto Diniz Lira³

RESUMO

Por conta de sua prática pedagógica, baseada em ideais de libertação e emancipação, Paulo Freire foi considerado subversivo pela sociedade de sua época, sendo exilado. Nos dias atuais, a pedagogia freiriana continua sendo inimiga dos grupos que desejam a domesticação dos sujeitos para a conservação social. Este escrito tem por objetivo refletir sobre o sucesso escolar na perspectiva do sujeito emancipado, a partir da leitura da obra *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. Para tanto, propõe-se uma contextualização da vida histórica, social e política que permeou a carreira de Freire como educador popular, visando a uma educação libertadora. Em seguida, são apresentados os principais pontos presentes em sua obra desumanização, educação bancária e ação dialógica versus ação antidialógica que amparam a discussão sobre uma educação que deforma o sujeito, descaracterizando-o de sua essência humana e preparando-o para a subserviência. O texto encerra-se discutindo as contribuições da pedagogia freiriana para pensar o sucesso escolar na perspectiva do sujeito emancipado. Em termos metodológicos, fez-se uso da pesquisa bibliográfica, de natureza qualitativa, amparando-se em Freire (2004, 2008). Arroyo (2012) e Gadotti (1996). O trabalho discute as ideias pedagógicas de Freire na obra *Pedagogia do Oprimido*, com foco no seu ideal de educação contra-hegemonica, e assim pensa o sucesso escolar na perspectiva do sujeito emancipado. O escrito aponta que a pedagogia freiriana luta contra uma educação alienante, que deseja formar indivíduos para a sustentação da hegemonia burguesa. Para isso, Freire propõe uma educação libertadora que visa emancipação dos sujeitos. O sucesso escolar, na perspectiva do sujeito emancipado, seria uma educação que visa/estimula o pensar, o questionar e o revolucionar dos indivíduos, buscando a formação de homens e mulheres críticos e reflexivos, que se compreendam como sujeitos de si, escritores de suas histórias e agentes sociais de criação e transformação.

Palavras-chave: Sucesso Escolar, Sujeito Emancipado, Pedagogia do Oprimido, Educação.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual da Paraíba – PPGE/UEPB. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. E-mail: lindolfoiarityca@gmail.com;

² Graduada do Curso de História pela Universidade Estadual da Paraíba- UEPB; Guarabira-PB, mariane.silva@aluno.uepb.edu.br;

³ Professor Orientador: Professor Titular da Universidade Federal da Campina Grande- UFCG, Tutor do PET – Pedagogia da UFCG. Doutor em Educação – UFRN. E-mail: andreaugustoufcg@gmail.com



INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a educação das camadas populares encontra em Paulo Freire uma referência imprescindível, especialmente por sua perspectiva crítica e libertadora. Freire, embora proveniente de uma família de classe média, vivenciou a pobreza e a fome durante a infância, experiências que marcaram sua compreensão das desigualdades sociais e de seu impacto na educação (Gadotti, 1996). Sua trajetória se entrelaça com os desafios históricos do Brasil, incluindo o período da ditadura militar (1964-1985), quando foi perseguido por suas ideias transformadoras e exilado, produzindo obras fundamentais como *Pedagogia do Oprimido* (1968), que até hoje orientam debates sobre pedagogia crítica e emancipadora.

A pedagogia freiriana se contrapõe à lógica da educação tradicional ou “bancária”, concebida para reproduzir a desigualdade social, docilizando os sujeitos e tornando-os meros executores das normas impostas pela classe dominante (Freire, 2008). Por outro lado, a educação libertadora propõe a humanização, a formação de sujeitos críticos/reflexivos, capazes de compreender o mundo, atuar sobre ele e reescrever suas histórias. Trajetórias de sucesso escolar, nessa perspectiva, não se resumem à aquisição de conteúdo, mas se configuram como processos de conscientização e emancipação dos indivíduos, especialmente daqueles historicamente marginalizados.

O presente estudo tem como objetivo refletir, a partir da pedagogia freiriana, o que seria sucesso escolar, compreendendo o papel da educação na promoção da emancipação, da consciência crítico-transformadora e da ação social transformadora. Busca-se, assim, investigar como a educação pode deixar de ser um instrumento de dominação e tornar-se um espaço de humanização e construção da autonomia, contribuindo para a formação de sujeitos agentes de sua própria história.

A justificativa deste estudo reside na urgência de compreender a educação como prática política e emancipadora. Ao problematizar a relação entre educação, poder e marginalização, a pesquisa propõe refletir sobre a importância de práticas dialógicas, participativas e inclusivas, que rompam com a lógica da educação bancária e promovam a formação de sujeitos críticos, autônomos e conscientes de seu potencial transformador.

O referencial teórico deste estudo fundamenta-se nas obras de Paulo Freire, especialmente *Pedagogia do Oprimido* (1968), complementadas por estudos contemporâneos sobre políticas educacionais e exclusão social, como Arroyo (2014). Freire oferece categorias essenciais para compreender a relação entre educação e



opressão, tais como: educação bancária versus educação libertadora, ação dialógica versus ação antidialógica. A articulação dessas ideias permite analisar como a escola pode ser um espaço de humanização e emancipação, promovendo a construção de sujeitos capazes de se reconhecer como autores de suas próprias trajetórias e agentes de transformação social.

Dessa forma, esta investigação sustenta-se na perspectiva de que o sucesso escolar das classes populares só alcança sua plenitude quando os indivíduos se tornam sujeitos de si mesmos, capazes de utilizar o conhecimento historicamente produzido para transformar suas realidades, humanizar-se e contribuir para a transformação da sociedade.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica e analítica, pautada na compreensão do processo de formação de trajetórias de sucesso escolar das classes populares a partir da perspectiva do sujeito emancipado, conforme proposto por Paulo Freire. A escolha pelo enfoque qualitativo justifica-se pela necessidade de compreender os significados, sentidos e experiências relacionados à educação libertadora.

A pesquisa adota uma abordagem interpretativa, com o objetivo de investigar e discutir, por meio de literatura especializada, os conceitos de educação libertadora, consciência crítico-transformadora e ação dialógica, assim como sua aplicação no contexto escolar das camadas populares. Trata-se de uma revisão sistemática narrativa da literatura, que permite organizar, sintetizar e refletir criticamente sobre as contribuições teóricas de Paulo Freire e de autores contemporâneos, como Arroyo (2014), para a construção de trajetórias escolares emancipadoras.

Os dados foram analisados mediante técnicas de análise de conteúdo (Bardin, 2011), buscando identificar os principais conceitos e categorias que orientam a construção de trajetórias escolares sob a perspectiva freiriana. A análise desenvolvida no estudo contemplou alguns eixos centrais da pedagogia freiriana. Entre eles, destacou-se a distinção entre educação bancária e educação libertadora, evidenciando a diferença entre uma prática que aliena e dociliza os sujeitos e outra que promove autonomia, criticidade e protagonismo. Foram igualmente considerados os conceitos de ação dialógica e ação antidialógica, que permitem compreender as formas de interação entre educador e educando, seja por imposição ou por diálogo horizontal e colaborativo. O processo de



humanização e desumanização também constituiu eixo de análise, revelando como a educação pode tanto favorecer o desenvolvimento integral do sujeito quanto reforçar mecanismos de opressão. O processo de análise considerou a articulação entre teoria e prática educacional, permitindo compreender como os princípios freirianos podem orientar práticas pedagógicas voltadas à emancipação e à construção de sujeitos críticos, autônomos e agentes de transformação social. Espera-se que este estudo contribua para a compreensão do sucesso escolar como processo de conscientização e emancipação, que promovam a autonomia, a criticidade e a humanização dos indivíduos, em consonância com os princípios da pedagogia freiriana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: PENSANDO SUCESSO ESCOLAR DAS CLASSES POPULARES A PARTIR DA PERSPECTIVA FREIRIANA DE “SUJEITO EMANCIPADO”

Os estudos sobre a educação para as camadas populares são permeados pelas reflexões trazidas por Paulo Freire. Freire fez parte de uma família de classe média, mas vivenciou a pobreza e a fome na infância, durante a depressão de 1929. Paulo Freire foi alfabetizado por meio de sua mãe, no quintal de sua casa, embaixo de uma mangueira, onde ela, para ensiná-lo, escrevia palavras no chão com pequenos gravetos (Gadotti, 1996). Durante a ditadura militar (1964-1985), muitos educadores foram perseguidos por causa de seus posicionamentos ideológicos, entre eles Paulo Freire, considerado subversivo pelos militares devido às suas ideias transformadoras, que favoreciam o processo de conscientização dos grupos populares. Exilado, Paulo Freire foi para o Chile. No início de seu exílio, Freire escreveu, em apenas 15 dias, o livro *Pedagogia do Oprimido*, em 1968, considerado ainda hoje uma de suas maiores obras.

A pedagogia nos moldes de Freire incomodou as classes hegemônicas de sua época, pois lutava contra a lógica classista que visa formar uma mão de obra para sustentar o capital. Para o autor, a hegemonia utilizava a educação como um mecanismo propagador da reprodução das desigualdades sociais. Paulo Freire, portanto, propõe uma educação contra-hegemônica, que visa o homem em sua integralidade, entendendo-o como sujeito histórico, construtor e criador do mundo, um sujeito de si e não do outro.

Todavia, como pensar sucesso escolar tendo por base a pedagogia freiriana? Compreendemos o sucesso escolar a partir do movimento escola/aluno/sociedade, o “compreender-se enquanto sujeito no mundo, sendo agente da transformação no papel



social que venha a ocupar [...] aprender a escrever a sua vida, como autor e como testemunha de sua história, isto é, biografar-se, existenciar-se, historicizar-se” (Freire, 2008, p. 24).

Para Paulo Freire (2008), o processo educacional pode acontecer mediante dois tipos de educação: a bancária e a libertadora. A educação bancária volta-se para a dominação e exploração dos oprimidos pelos grupos hegemônicos. Não é do seu interesse formar pessoas que questionem a realidade; é conveniente docilizar os sujeitos, deixando-os aptos para a dominação. Essa abordagem compreende o indivíduo como um depósito a ser preenchido, um ser passivo, sujeito ao ajustamento.

Entretanto, a educação libertadora busca romper as bases da opressão. Freire (2008) acreditava em uma pedagogia que poderia auxiliar na construção dos sujeitos, entendendo o contexto de vida, o mundo e a cultura. Para tanto, trajetórias de sucesso escolar na perspectiva do sujeito emancipado tratam-se da formação de um agente de criação e transformação. Para isso, é necessário ter uma práxis comprometida com a libertação dos homens.

As ideias de Paulo Freire sobre uma pedagogia libertadora trazem à tona a questão da relação dialética entre opressores e oprimidos, expondo a necessidade de uma educação que liberte o “ser homem”; uma educação primordial na construção de uma sociedade que vise o sujeito emancipado, entendendo-o como agente da transformação e não como um ser passivo diante da realidade. Dessa forma, pensamos que as trajetórias de sucesso escolar das classes populares só atingem a totalidade de seu sentido quando o aluno utiliza os conhecimentos historicamente produzidos pela humanidade para se tornar sujeito de si e não do ajustamento do outro, tornando-se emancipado e historicizado.

Para a construção do sucesso escolar na perspectiva do sujeito emancipado, é necessário que a educação estimule o pensar, o questionar e o revolucionar dos indivíduos, buscando a formação de homens e mulheres críticos e reflexivos, que se compreendem como sujeitos de si, sendo escritores de suas histórias e agentes sociais de criação e transformação.

No decorrer deste texto, trago algumas das ideias pedagógicas de Freire (2008) na obra *Pedagogia do Oprimido*, a saber: (a) o processo de desumanização; (b) a educação bancária; e (c) ação dialógica versus ação antidialógica.

Humanização *versus* desumanização



Freire (2008) defende que, por sua natureza animal, o homem chega ao mundo inconcluso, deparando-se com a possibilidade tanto de humanizar-se quanto de desumanizar-se. No entanto, ressalta que, embora ambos os caminhos estejam abertos ao animal humano, ele é vocacionado a humanizar-se, sendo a desumanização uma distorção de sua vocação verdadeira. Para Freire, o processo de desumanização implica na negação da humanidade de homens e mulheres e é resultado da desigualdade social que condena milhares de pessoas à situação de miséria, negando-lhes os direitos humanos básicos.

No âmbito do processo de desumanização, levado a cabo pelos opressores, o poder é exercido não apenas sobre o corpo, mas também sobre a mente e a subjetividade dos oprimidos, o que favorece o temor à liberdade e à autonomia por parte desses últimos. Nas palavras de Freire:

Os oprimidos, que introjetam a ‘sombra’ dos opressores e seguem suas pautas, temem a liberdade, na medida em que esta, implicando a exclusão desta sombra, exigiria deles que ‘preenchessem’ o ‘vazio’ deixado pela expulsão com outro ‘conteúdo’, o de sua autonomia, o de sua responsabilidade, sem o que não estariam livres (Freire, 2008, p. 37).

Segundo Freire (2008), o oprimido é visto pelo opressor como uma coisa e não um ser; por ser uma coisa, este não tem direito de ter autonomia. Entretanto, quando o dominado entende que ele é a base e que quem precisa dele é o agressor e não o contrário, as coisas começam a mudar, pois o oprimido passa a assumir o controle de sua história, processo esse que favorece a emergência de uma práxis libertadora, a qual tende a ser deslegitimada pelos opressores, conforme esclarece Freire:

Para os opressores, porém, na hipocrisia de sua ‘generosidade’, são sempre os oprimidos, que eles jamais obviamente chamam de oprimidos, mas, conforme se situem, interna ou externamente, de ‘essa gente’ ou de ‘essa massa invejosa’ ou de ‘selvagens’ ou de ‘nativos’ ou de ‘subversivos’, são sempre os oprimidos que desamam. São sempre eles os ‘violentos’, os ‘bárbaros’, os ‘malvados’, os ‘ferozes’, quando reagem à violência dos opressores (Freire, 2008, p. 48).

A libertação, tanto de si mesmo quanto do opressor, só pode vir pelo oprimido. Porém, é importante destacar que, na perspectiva de Freire, “Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão” (Freire, 2008, p. 58). A libertação não é uma imposição, e sim uma construção conjunta; dessa forma, os oprimidos só serão livres caso libertem também os opressores, pois, do contrário, um novo regime opressor poderá ser instituído, com os oprimidos de ontem transformando-se nos opressores de hoje.

A concepção de educação bancária em Paulo Freire



Ao refletir sobre a prática pedagógica, Paulo Freire formula uma dura crítica ao modelo de ensino que ele denomina de *educação bancária*. Esse conceito se refere a uma prática educativa que transforma o ato de ensinar em um processo mecânico de transferência de conteúdos, desconsiderando o estudante como sujeito ativo de sua aprendizagem e favorecendo a manutenção da ordem social dominante. Deste modo, Freire alega:

A narração, de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em ‘vasilhas’, em recipientes a serem ‘enchidos’ pelo educador. Quanto mais vai ‘enchendo’ os recipientes com seus ‘depósitos’, tanto melhor educador será. [...] Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são os depositários e o educador o depositante (Freire, 2008, p. 66).

A principal acusação de Freire à educação tradicional é a de que ela produz alienação e não a emancipação do indivíduo, sendo uma forma que os opressores encontram, muitas vezes via Estado, para inculcar a ideia de que o indivíduo não tem o direito de “ser”. A educação bancária produz meros executores, indispensáveis à sustentação da sociedade de classes. Sujeitos emancipados, críticos e autônomos, escritores de suas próprias histórias, devem ser evitados, pois trazem grandes problemas para os que exercem o poder. Dessa forma, não é do interesse da classe dominante uma educação que estimule o senso crítico e que abra espaços para a construção do sujeito emancipado, razão pela qual são criadas várias estratégias visando à instauração de processos educacionais a serviço da desumanização e da deformação de crianças e jovens das classes trabalhadoras.

Além disso, para Freire, a educação bancária se sustenta em uma relação verticalizada, em que o professor é considerado o detentor exclusivo do saber e os educandos meros receptores passivos. Esse modelo reforça a dicotomia entre quem “sabe” e quem “não sabe”, silenciando as vozes e as experiências dos estudantes. O educando, nesse processo, perde sua historicidade, sua capacidade de intervir no mundo e de ser reconhecido como sujeito de conhecimento.

Outra crítica central é que a educação bancária naturaliza a opressão, fazendo com que os indivíduos internalizem a lógica da dominação como algo inevitável. Ao limitar a aprendizagem à repetição e à memorização, essa prática pedagógica não desperta a consciência crítica, mas, ao contrário, reforça uma postura de adaptação e conformismo diante da realidade. Em vez de promover a transformação social, ela colabora para a



manutenção do *status quo*, criando sujeitos que não questionam as estruturas injustas que os oprimem.

Em contraposição, Freire propõe a educação problematizadora, dialógica e libertadora, que se baseia no diálogo horizontal entre educador e educandos. Nela, o saber não é “depositado”, mas construído coletivamente a partir da experiência, da cultura e da reflexão crítica sobre a realidade. Essa forma de educação, ao contrário da bancária, reconhece a capacidade de todos os sujeitos de serem produtores de conhecimento e fomenta o engajamento político e social, indispensável para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

A ação dialógica em Paulo Freire

Ao se contrapor à educação bancária, Paulo Freire propõe a educação problematizadora, que tem como fundamento a ação dialógica. A dialogicidade descrita por Freire seria o modelo oposto ao da educação bancária, pois, na ação dialógica, o que está em jogo é a participação indispensável do educando no processo socioeducativo. Se, para ele, a educação bancária aliena pelo domínio da criticidade do indivíduo, a educação dialógica promove o diálogo e o pensar humano, que tem seu fundamento na reflexão crítica: “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens” (Freire, 2008, p. 92).

Como pode ser visto, ele classifica o amor como fonte indispensável para a ação dialógica. Não há também diálogo se não há uma intensa fé nos homens, fé no seu poder de fazer e de refazer, de criar e recriar. Tecia-se, dessa forma, um modelo horizontal e não vertical.

Paulo Freire, ao explicar a ação antidialógica, volta-se mais profundamente a quatro pontos essenciais para a ação dialógica: colaboração, união, organização e síntese cultural. A colaboração seria a junção para a participação na transformação, pois esse processo é conjunto e não uma imposição. A união é outro elemento-chave. Afinal, enquanto a ação antidialógica separa, a dialógica une.

Os homens se transformam em união, e, assim, a união traz a aderência e implica na mobilização de homens e mulheres em torno da necessária transformação das estruturas que os impedem de serem mais e, conseqüentemente, que impedem e obstaculizam seu processo de humanização. A organização, por sua vez, se relaciona ao movimento da liderança revolucionária, que não os proibiria de dizer a palavra, já que,



nesse modelo, não há imposição, mas sim diálogo, pois todos têm o poder da palavra. Não menos importante, a síntese cultural conclui a ideia proposta sobre a ação dialógica.

A ação dialógica, portanto, rompe com a lógica de dominação presente na educação bancária e inaugura um espaço de construção coletiva do saber, no qual educador e educando se reconhecem como sujeitos históricos. Essa prática não se restringe ao ato de conversar, mas constitui um compromisso ético-político que busca a transformação social a partir do reconhecimento da voz de todos. O diálogo, nesse sentido, não é um recurso didático, mas um princípio fundante da pedagogia freiriana, que promove a conscientização e a práxis libertadora, ao passo que fortalece a capacidade crítica dos indivíduos e os engaja na luta por sua humanização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida ao longo deste estudo evidencia a importância de compreender a educação como um processo intrinsecamente ligado à humanização e à emancipação dos sujeitos, conforme as reflexões de Paulo Freire. Pensar o que seria sucesso escolar na perspectiva freiriana, portanto, ultrapassa a lógica dos resultados acadêmicos e do desempenho formal, mas sim como processos de formação integral do sujeito, que envolvem a construção da consciência crítico-transformadora, a apropriação do conhecimento e o desenvolvimento da autonomia intelectual e social.

O estudo demonstrou que a educação bancária, ao tratar os indivíduos como recipientes a serem preenchidos, contribui para a manutenção das desigualdades sociais, impedindo a emergência de sujeitos críticos e autônomos. Por outro lado, a educação libertadora, fundamentada na dialogicidade, na práxis e na ação consciente, possibilita o surgimento de sujeitos capazes de compreender a realidade, intervir nela e tornar-se agentes de transformação social. Nesse sentido, o sucesso escolar, quando concebidas sob a perspectiva freiriana, são inseparáveis do processo de conscientização, da reflexão crítica e da construção da autonomia.

O sujeito emancipado é, portanto, aquele que não apenas internaliza o conhecimento, mas o transforma em instrumento de ação, reconhecendo sua capacidade de criar, recriar e intervir nas estruturas sociais que influenciam sua vida. A escola, quando estruturada segundo princípios de humanização e dialogicidade, assume papel central na formação de cidadãos críticos, capazes de resistir à marginalização e de construir trajetórias de emancipação, tornando-se protagonistas de suas próprias histórias.



Portanto, compreende-se que a educação, para ser efetivamente transformadora, deve ir além da mera transmissão de conteúdos. Ela deve orientar-se para a libertação, estimulando o pensamento crítico, a participação ativa e o reconhecimento do potencial criador dos indivíduos. As trajetórias de sucesso escolar, sob essa perspectiva, não se medem apenas pelo desempenho acadêmico, mas pelo fortalecimento da consciência, pela autonomia conquistada e pela capacidade de intervir no mundo de forma ética, crítica e transformadora.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Pais e Terra, 2008.
- GADOTTI, Moacir et al. **Paulo Freire: Uma Biobibliografia**. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. São Paulo: Autores Associados, 2007.

